
O agir poético na constituição da sabedoria prática de Paul Ricoeur: a imaginação

Poetic action in the constitution of Paul Ricoeur's practical wisdom: imagination

DOI: 10.12957/ek.2024.80122

Bruno Fleck da Silva¹

Universidade Federal de Santa Maria

bruno.fleck@hotmail.com

RESUMO

O estudo destina-se a examinar a imaginação como função poética da sabedoria prática ricoeuriana. Partindo do contexto da originalidade da ética de Paul Ricoeur, fundamentada em sua teoria da identidade narrativa, o enlace entre visada ética e perspectiva moral é levado à celebração do agir prudencial através da denominada sabedoria prática. Assim como não existe ética sem intencionalidade, os fundamentos fenomenológicos da responsividade ética fazem com que o si, em ação ética, deva recorrer ao seu fundo intencional, onde a imaginação torna-se uma constituinte importante para a busca de resoluções diante dos conflitos éticos. Infere-se assim que no modo específico do exercício da sabedoria prática ricoeuriana a imaginação é um modo de função aplicada no contexto das éticas regionais ou éticas posteriores, permitindo notar a singularidade da relação entre hermenêutica e fenomenologia na ética ricoeuriana

Palavras-chave

Ética. Sabedoria-prática. Imaginação. Fenomenologia. Paul Ricoeur.

ABSTRACT

The study aims to examine imagination as a poetic function of Ricoeurian practical wisdom. Starting from the context of the originality of Paul Ricoeur's ethics, based on his theory of narrative identity, the link between ethical vision and moral perspective is led to the celebration of prudential action through the so-called practical wisdom. Just as there is no ethics without intentionality, the phenomenological foundations of ethical responsiveness mean that the self, in ethical action, must resort to its intentional background, where imagination becomes an important constituent for the search for

¹ Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. Desenvolve Estágio Pós-Doutoral pelo Programa da Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, em parceria com o Centro Italiano di Ricerca Fenomenologica, Roma, Itália.

resolutions in the face of ethical conflicts so that resolutions can be implemented. It is therefore inferred that in the specific way in which Ricoeurian practical wisdom is exercised, imagination is a mode of function applied in the context of regional ethics or later ethics, allowing us to note the uniqueness of the relationship between hermeneutics and phenomenology in Ricoeurian ethics.

Keywords

Ethics. Practical wisdom. Imagination. Phenomenology. Paul Ricoeur.

1 INTRODUÇÃO

A ética de Paul Ricoeur é composta por elementos solidificados a partir de três grandes variáveis: a influência da fenomenologia husserliana, com seus alcances e limitações bem destacados pelo filósofo francês; a hermenêutica, poderíamos dizer “crítica” frente ao enlace entre identidade, convicção e ação ética; e os contributos vindos da teoria da ação. A partir do entrecruzamento destas áreas, a sabedoria prática aparece como um modo específico de ação fortemente possibilitado por uma ética centrada no indivíduo ético como ponto determinante de deliberação e ação. A partir de tal perspectiva é possível pensar que o exercício da sabedoria prática na ética ricoeuriana apresenta significativos traços de um agir poético, no sentido de criação em ato.

Por função poética compreende-se aqui a derivação do termo grego *poiésis*, enquanto modo de criação em ato, isto é, ato criativo derivante da novidade ou inventividade. A poética aparece como um dos componentes específicos da resolutive própria da sabedoria prática. Antes de inferimos sua presença no exercício ético do filósofo francês, convém destacar que o tema aparece nas primícias de sua filosofia. Um dos três tomos previstos e decorrentes de sua tese de doutorado *Filosofia da Vontade*, publicada em 1950, deveria ser *poética da vontade*, mas que o filósofo acabou não desenvolvendo. O primeiro tomo deu origem a *Le volontaire et l'involontaire* e o segundo, a *Finitude et culpabilité* e o terceiro, no lugar da poética da vontade, foi *La symbolique du mal*.

Para além da própria noção de sabedoria prática na filosófica ética ricoeuriana, o presente estudo visa explorar os modos constitutivos da função poética a partir de três instâncias: o *imaginário*, a *inventividade* e a *sensibilidade*. Essas três variações da função poética são análogas à medida que especificam atitudes próprias do agir, mas são

unívocas enquanto movimentos da poética que visam necessariamente um mesmo fim. Desse modo, o presente capítulo destina-se ao exame destas variações.

2 A SABEDORIA PRÁTICA RICOEURIANA

A sabedoria prática é o enlace resolutivo de uma derivação hermenêutica de duas grandes tradições éticas operado por Paul Ricoeur em *O Si-mesmo como um outro* (1991), texto que expressa a maturidade filosófica do autor e apresenta as características determinantes de seu posicionamento ético. As tradições éticas em questão são: *a visada ética*, derivada da teleologia aristotélica e a *perspectiva moral*, referindo-se à moral da obrigação advinda da ética deontológica kantiana. É propedêutico compreender que para o filósofo francês, ética e moral são conceitos distintos.

Estas tradições são introduzidas no pensamento do filósofo como modos específicos de procedência do sujeito ético em ação. Este sujeito, na filosofia ricoeuriana, é entendido como o agente que exercita a *ipseidade*, isto é, a dimensão de sua identidade que se constitui na tensão entre *promessa* e *convicção*, visando afirmar-se narrativamente e, portanto, na ação (Ricoeur, 1991).

A sabedoria prática pode ser compreendida como o eixo movente da ação que tende a conduzir uma ação no equilíbrio corretivo entre ética e moral, entre estima, intenção e obrigação heterogênea às leis e regras. Após uma década da escrita de *O Si-mesmo como um outro* (1991), é em *O Justo 2* (2008), uma coletânea de textos destinados ao problema da ética aplicada, sobretudo no diálogo com o Direito, que o tema da sabedoria prática aparece. Neste último texto a dimensão teleológica da ética aparecerá como “ética fundamental”, a moral como “ponto fixo” e a sabedoria prática como “ética posterior” ou através de sua expressão nas “éticas regionais”.

Para Paul Ricoeur a esfera dos conflitos éticos está situada no conflito entre o universal e o contextual o que, segundo o filósofo, é proveniente de uma aceno para além da filosofia, como na tragédia grega. De fato, no famoso texto dos anos noventa já mencionado, o aparecimento da sabedoria prática ricoeuriana é mediado pela compreensão do fundo trágico ancorado nas problemáticas éticas.

A instrução da tragédia à ética opera a passagem da deliberação à catarse (Ricoeur, 1991). O conteúdo do conflito na tessitura da tragédia e o modo como Paul Ricoeur o

compreende hermeneuticamente revela o fundo fenomenológico da experiência do erro e do conflito, da qual o si funda-se como necessidade de sentido e agir ético.

O exemplo dado pelo filósofo francês é proveniente da *Antígona* de Sófocles. Na referida tragédia, o exemplo se dá quando Corifeu exclama a Creonte: “É preciso prudência” e logo o coro clama “A sabedoria (*to phronein*) é, de longe, a primeira fonte de felicidade” (Sófocles; apud Ricoeur, 1991, p. 289). As perspectivas ética e moral implícitas na tragédia de Sófocles anunciam a tensão essencial presente na maioria dos conflitos éticos. Transposto o exemplo para o plano estrutural da ética, significa portanto considerar que a moral da obrigação por vezes é limitada, uma vez que, como acenou o filósofo (Ricoeur 1991; 2008), o respeito à lei não precedido ou sintonizado com o respeito à pessoa. Nesse sentido, é necessário compreender que na perspectiva ricoeuriana, a sabedoria prática exerce uma função corretiva, isto é, a de dar à moral o seu conteúdo ético quando este não está presente, bem como, de ser o corretivo da lei quando a estima ética é desprovida desta.

Diante dessa perspectiva, o respeito destinado às pessoas fará com que a regra moral se transforme numa regra escolhida, particularizada ou então, poderíamos chamar, regionalizada. A regionalização específica da sabedoria prática é suscitada pela diversidade de conflitos. Para o filósofo:

Se há pluralidade das éticas regionais, é porque a vida cotidiana, antes de qualquer organização das práticas e de qualquer instituição determinada, propõe uma pluralidade de situações empíricas às quais essas práticas e essas instituições correspondem, principalmente o sofrimento e o conflito (Ricoeur, 2008, p. 36).

Todo o livro VI da *Ética a Nicômaco* é voltado para a *phronesis*, que é considerada uma virtude dianoética. Para Ricoeur, a *phronesis* é considerada “[...] a matriz das éticas posteriores”, pois “[...] entre a prudência e as coisas singulares o elo é estreito” (Ricoeur, 2008, p. 60). A própria *phronesis*, como virtude dianoética só se concretiza no plano da prática. É considerando isso que Paul Ricoeur elenca dois exemplos de aplicação da virtude *phronética* e então de efetivação de sua sabedoria prática nas éticas regionais.

O primeiro exemplo diz respeito à ética médica, e sua pontuação se dá na *prescrição médica*. Neste caso, o que está em jogo: “[...] é o sofrimento que provoca o pedido de tratamento e a conclusão do pacto de tratamento que liga um doente a um

médico” (Ricoeur, 2008, p. 60). O segundo exemplo aponta para a área do Direito, no plano da *sentença judiciária*. A dimensão do conflito está no fato de que ele “[...] provoca o pedido de justiça e encontra no processo o seu enquadramento codificado” (Ricoeur, 2008, p. 60).

Assim, a sabedoria prática consiste na efetivação do justo mediante o exercício de práticas éticas que estejam voltadas às situações específicas que suscitam a esfera do conflito. A consciência ética, em sentido fenomenológico, é necessária para que o si, por meio da ipseidade, faça esse jogo calculativo das possibilidades visando uma ação resolutiva, a escolha do melhor e do justo para o momento em questão e solicitante. Mas em que medida é possível dar operação e ação a este movimento da sabedoria prática no plano das éticas regionais? A novidade epistemológica parece estar na função criativa, tomada aqui como poética, do modo de resolução ética no filósofo francês.

3 AS FUNÇÕES POÉTICAS: A IMAGINAÇÃO

Acerca da imaginação como função poética na ética ricoeuriana, Rohden e Jesus (2017) em seu artigo intitulado *Hermenêutica entre filosofia e literatura: funções éticas da imaginação*² apontam para a importância desta temática na originalidade reflexiva de Ricoeur. Trata-se de considerar que o papel da imaginação é fundamental para ação em sua fundamentação literária. Para o escritor, a ação é sempre correspondente a um ato imaginativo que lhe é específico. Aqui é importante recordar que no contexto da identidade narrativa, a teoria literária foi determinante para as reflexões que constituem a teoria da ação no pensamento ricoeuriano (Ricoeur, 1991). Justamente, o ato imaginativo é condição necessário para ação comum e também para a resolutiva sobremaneira em casos em que não é possível decidir senão inventando uma alternativa.

Já no que diz respeito à ética, o exercício da sabedoria prática deve ser o de dar espaço ao ato imaginativo e inventivo. A sabedoria prática invoca tudo aquilo que é resultante de uma evidência intencional, pré-predicativa, isto é, originada no íntimo do próprio sujeito agente. Partir desse pressuposto objetiva evidenciar a relação entre uma vontade criadora, termo que aparece também na ética fenomenológica de Edmund

² Rohden, Luiz; Jesus, Valdinei Vicente. *Hermenêutica entre filosofia e literatura: funções éticas da imaginação*. Em: *Revista Dissertatio*. Volume suplementar 8. Pelotas : 2018, pp. 100-123.

Husserl³, quando este afirma que todo ato formal da ética é impulsionado por situações específicas, isto é, por uma materialidade ética (Husserl, 2009). Já para Husserl, precursor da fenomenologia, não era possível pensar o formalismo ético, se este já não fosse proveniente do que o impulsiona, a materialidade, a hilética, os constituintes que colocam a consciência no jogo das situações conflitantes, em modo geral, a própria realidade.

Relacionar o ato imaginativo ao específico da ética permite então, conforme destacam os estudiosos, “[...] aclarar a dignidade filosófica da imaginação na invenção ética do melhor comportamento possível diante da complexidade dos casos difíceis – *hard cases*” (Rohden; Jesus; 2017, p. 105).

Se no campo literário a ação é pressuposta pelo ato imaginativo, por que não estendê-lo ao plano ético das ações? Assim, é na aproximação entre o mundo literário e a ética que o ato imaginativo frente à dificuldade dos casos ou tragicidade das situações conflitativas favorece este estreitamento. Em *Do Texto a Ação*, Paul Ricoeur trata do imaginário como categoria específica da consciência crítica, que por sua vez, se funda no contato com o real (Rohden; Jesus, 2017).

A nosso ver, este movimento revela uma vez mais a posição intencional de uma consciência. Primeiramente, é necessário considerar que o imaginário, conforme sugere o próprio termo, é formado por imagens⁴. A imagem considerada por Ricoeur no exercício da sabedoria prática em ação não é a da fantasia, mas uma imagem derivada de uma consciência criadora. Uma vez mais podemos aqui lembrar da noção de *vontade criadora* pressuposta no ato ético por Edmund Husserl. Vontade e consciência, diante da ação, parecem ser termos lidos em bastante proximidade. Uma consciência que quer é, em certa medida, já uma vontade.

A vontade em seu processo criativo deve aderir à manifestação livre da inventividade e da imaginação. De acordo com Rohden e Jesus (2017), John Wall, autor de *Moral creativity: Paul Ricoeur and the poetics of possibility*, é um exemplo de leitura sobre a poética de Ricoeur que a compreende como um movimento livre do ato criativo,

³ Cf. HUSSERL, Edmund. *Leçons sur l'éthique et la théorie de la valeur* (1908-1914). Trad.: Ducat, Lang e Lobo. França: Presses Universitaires de France, 2009.

⁴ O conceito de imagem parece ter sofrido um esvaziamento semântico na atualidade. É importante considerar que por imagem não está em questão somente aquilo que é “visualizado”, mas tudo o que atinge os sentidos e a consciência manifesta-se como imagem. De acordo com Meneghetti no Dicionário de Ontopsicologia, imagem, provém da seguinte constituição etimológica: “*In me ago*: ajo em mim. Imagem é aquilo que age em mim, isto é, projeção sgnica ou figural do percurso de uma ação”. Cf. Meneghetti, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. São Paulo: Ontopsicológica Editrice, 2001, p. 81.

sendo próprio da criatividade que ela apareça diante dos conflitos, isto é, “[...] a criatividade vai emergir, exatamente, na tensão entre a liberdade e a finitude” (Rohden; Jesus, 2017, p. 113). Com esta perspectiva o que se compreende é que o ato criativo é apelado pela limitação, o que parece estar bastante relacionado com as situações em que a sabedoria prática é invocada.

Para além da discussão da criatividade no contexto da poética ricoeuriana e sem querer distanciar-se da questão levantada, parece oportuno trazer aqui alguns exemplos em perspectiva filosófica sobre a função filosófica da poética frente a ação humana. Um primeiro exemplo é retirado das contribuições de Evanhélos Moutsopoulos ao pensamento neo-helênico na contemporaneidade⁵. A contribuição diz respeito ao estreitamento entre as noções gregas de *krisis*, *kairós* e *poiesis*.

Na visão do filósofo grego contemporâneo a crise (*krisis*) é manifestada justamente pela despotencialização do espírito na sociedade atual, marcada pela predominância da técnica em detrimento do *lógos*. Assim, o que está ausente é a dimensão *kaírica* expressa através da função *poiética*, imaginativa e criadora, parte constitutiva do espírito humano. A recuperação da dimensão poética dá espaço ao *kairós*, expressão de uma temporalidade caracterizada como liberdade criadora no agora. Nesse sentido, não haveria, em essência oposição entre o exercício da racionalidade e a criação livre, ao contrário disto, o que se manifesta como desafio atual é que a perda da racionalidade implicaria também a perda da criação.

Outro exemplo para pensarmos a relação entre criação e limitação advém da funcionalidade da criatividade. Na perspectiva de Antonio Meneghetti, filósofo italiano, a criatividade é entendida como: “Elaborar algo para uma novidade eficiente, ou como estética, ou como função [...] a criatividade é sempre relativa à pessoa” (Meneghetti, 2018, p. 72). O retorno à pessoa como função resolutive revela a dimensão oposta que o situa: a problemática existencial, as aporias do cotidiano. A resolução criativa é a resposta ética do sujeito, que diante da ação responde no que o pensador italiano denomina de função autopoética.

Estas exemplificações são todas provenientes de uma constatação comum a desvinculação, seja da ciência em si, seja da filosofia, ou mais especificamente, da própria

⁵ A perspectiva advém dos estudos sobre a atualidade do pensamento neo-helênico presentes em: Cf. CESAR, Constança. M. *Filosofia da Cultura Grega: contribuições para o estudo do pensamento neo-helênico contemporâneo*. Aparecida: Idéias & Letras, 2008.

moral do seu ator constitutivo, o homem, frente ao mundo-da-vida. Assim, rapidamente convém mencionar novamente Edmund Husserl, que a nosso ver foi a inspiração destas perspectivas. Os cinco artigos desenvolvidos pelo filósofo alemão sobre o tema da *renovação*, invocam, a partir de nossa leitura, o binômio limitação-criatividade, com outros temos crise e renovação. Por renovação, compreende-se aqui a iniciativa fenomenológica de compreender a gênese de sentido da ciência enquanto constituição da saber, que está, por sua vez, na própria consciência intencional. Igualmente no campo da ética esta é a originalidade da perspectiva fenomenológica, saber que para além do formalismo moral, o constituinte intencional da ética tem seu núcleo (criativo e imaginativo) na própria consciência intencional.

Se não existe criatividade sem o exercício da liberdade, a renovação proposta por uma ética de base fenomenológica é a do ato libertador específico do pensamento grego, exposto aqui através do uso da noção de *poiésis*. Para Husserl, a expressão última da renovação é a da vivência de uma vida baseada na autenticidade, entendida como vida racional. O racional considerado por Husserl, no que diz respeito à vida ética, é expresso na autoregulação racional do agir ético. Ora, o que o pai da fenomenologia está considerando não é uma moral racional aos moldes kantianos, diferente disso, e como já vimos ao longo de nosso estudo, trata-se de um ideal de vida “verdadeiramente racional” (Husserl, 2014).

Pois bem, dois elementos fazem expressão da renovação da ética à sua função poética. É necessário, para Edmund Husserl, que o homem, tendo a si próprio como sujeito portador do *lógos* e possibilidade de ação ética, tenha uma vida ética pautada na “consciência da responsabilidade da razão” ou “consciência ética” (Husserl, 2014). Para o filósofo, é necessário que a ação ética esteja pautada não num formalismo externo que indica o dever, mas na possibilidade de um “auto” dever inerente à capacidade da escolha do melhor. Nesse sentido:

O conhecimento, que devém consciente em casos singulares, da possibilidade de justificações intelectivas, bem como da possibilidade de poder preparar e configurar a sua ação de tal modo que ela não se justifique apenas posteriormente e de um modo contingente, mas enquanto fundada em uma ponderação racional intelectiva (Husserl, 2014, p. 38).

De imediato, uma análise superficial poderia fazer pensar que tal afirmação contradiz a perspectiva da sabedoria prática até aqui invocada, uma vez que é um saber contingencial. Por outro lado, é necessário adentrar à profundidade da questão. Se como dito, não existe criatividade e solução sem a pessoa, e não existe ação sem um quem, interessa saber que na sabedoria prática o homem, enquanto sujeito agente, é o seu próprio critério.

O critério, o instrumento de medida, não é um instrumento falho, ao contrário, sustenta-se na possibilidade última inerente ao homem: é um agente racional, não existe poíesis sem sujeito. A racionalidade aqui invocada não é a de uma lógica absoluta, mas de uma lógica poética. É à restituição do homem ao seu núcleo decisional que uma ética fenomenológica se dirige. A racionalidade própria do espírito grego e presente no ideal grego do *lógos* é a possibilidade de justificação de qualquer juízo de reflexão e de qualquer sabedoria prática. Para Husserl (2014) uma vontade livre funda-se na racionalidade.

Se o ideal racional é a medida de critério para o homem, então as decisões e escolhas éticas devem seguir a regra ou imperativo geral do homem racional. Reforçamos, não se trata de uma proposta kantiana, mas de que o homem siga a verdade própria de sua essência, a de ser racional. Se com Aristóteles a *phronesis*, virtude dianoética, fazia a passagem do saber elevado da alma ao plano da contingência, o ato poético da ação invoca o ideal advindo da “alma” humana, o ideal racional.

Para Husserl, o exercício da ação diante das situações de conflito é o de invocar o imperativo próprio do homem, este imperativo, nas palavras do filósofo: “[...] não diz outra coisa senão: sê um verdadeiro homem; segue uma vida que possas justificar intelectivamente de ponta a ponta, uma vida provinda da razão prática” (Husserl, 2014, p. 43), só assim é possível que o homem possa fazer o “melhor possível em cada momento”. Isto é, cada homem, a partir do próprio íntimo e dando vação à manifestação resolutiva, poietica deste íntimo racional, resolve a própria vida ética.

Retomando a discussão em solo ricoeuriano o que Rohden e Jesus (2017) bem defendem é que também em Paul Ricoeur o ato poético ou criativo não é um ato independente da função normativa da moral, muito menos uma resolutiva advinda de um fundo não racional. Bem lembrado. Assim, o desafio posto na perspectiva ricoeuriana é

o da ação própria da sabedoria prática, a de costurar ética e moral. Em Ricoeur, não existe sabedoria prática sem norma. O que é sustentado é que:

[...] a compreensão da norma kantiana é redimensionada de modo que a sua intransigente e arbitrária aplicação pode e deve ser repensada à luz das experiências e vivências com outros critérios, dentre os quais alguns até mesmo supra éticos como é o caso do mandamento do amor o qual pode possibilitar uma compreensão dilatada da reciprocidade de modo a servir para corrigir as distorções de uma aplicação com excessivo rigor da regra moral (Rohden; Jesus, 2017).

O que os estudiosos defendem é que em Paul Ricoeur predomina um uso poético da norma. Se a poética é expressão do espírito livre e criador do sujeito humano, consideramos, ainda mais, que ela está fundamentada no sentido autêntico e verdadeiro do que expressa a racionalidade humana, amplamente manifesta nos ideais gregos, conforme vimos em Moutsoupolus e Husserl. De outro modo, é preciso sempre lembrar, com Rossato (2018), que a sabedoria prática ricoeuriana expressa-se numa função autocorretiva num esquema que parece, “hermeticamente”, fazer ver a necessidade da ética à moral e da moral à ética.

A perspectiva ricoeuriana desponta como um convite à humanização da regra, poderíamos assim considerar. A poética como elemento condutor da regra faz sobressair a sua função mediadora e não de fim, o fim são as pessoas em suas singularidades e não a própria regra, ou então, como o próprio filósofo destacou trata-se de não confundir o respeito pela regra com o respeito pelas pessoas. É nesse sentido que a poética pode ser resumida numa das definições mais claras da sabedoria prática: “A sabedoria prática consiste em inventar as condutas que mais satisfarão à exceção que requer a solicitude traindo o menos possível a regra” (Ricoeur, 1991, p. 314). Em outras palavras, trata-se de lembrar que diante das situações de conflito não basta só o respeito, é necessário a solicitude, não basta só a solicitude, é necessário o respeito.

Por fim, é necessário associar o ato imaginativo como um dos elementos da fenomenologia das capacidades. Isto é, ainda que Ricoeur não tenha caracterizado a imaginação como uma capacidade, ela poderia ser tomada como atitude própria do homem capaz no agir específico por meio da ipseidade que se vê no mundo, como e para

outros em instituições justas. Encontramos um reforço a esta perspectiva em *L'invention morale et la sagesse pratique : une lecture de la petite éthique*⁶ de Jean-Philippe Pierron.

Para o estudioso: “Ricoeur en appelle à la fois au désir d’être originaire et à la fois à la capacité d’initiative et d’imagination créatrice de l’homme capable” (Pierron, 2019, p. 38). O homem capaz é o respondente ético e nesse sentido, é necessário considerar a indispensabilidade da capacidade imaginativa e criadora frente aos desafios. A imaginação é entendida nesse sentido como uma faculdade criativa frente à ação conflituosa. Entretanto, com Pierron (2019) é importante esclarecer que por imaginação não se entende aqui a ausência de regras, pelo contrário e como poderá ser verificado no próximo tópico, a imaginação efetiva-se sobre as regras que melhor conduzirão a uma resposta do justo, só assim é possível pensar em “invenção moral”.

Por fim, é necessário considerar que o ato imaginativo é específico do si no devir da dimensão ipse. A convicção é a resposta dada pelo processo sensível de uma consciência fenomenologicamente responsiva, isto é, atenta à originalidade dos fenômenos advindos do trágico e do conflituoso e que só encontram resposta no solo último do mundo-da-vida. Nesse sentido, é necessário considerar que a evidência ética, precedida pelo ato sensível e pela intuição no sentido que a ela foi aqui atribuído, é a resposta criativa de uma solução imaginária, assim como, é difícil considerar qualquer processo intencional sem o brilho de uma *imago* que se revela fenômeno.

Para Pierron (2019) torna-se imprescindível considerar também a vivência positiva decorrente da criação ética, isto é: “[...] une des formes qu’il est possible de donner à l’invention morale dans la vie pratique se tient dans cet entre-deux de l’esthétique et de l’éthique qu’est le festif.” (Pierron, 2019, p. 49). Para o estudioso, a possibilidade dada pela ação resolutive de uma sabedoria prática fruto do ato imaginativo deve, esteticamente, conferir ao sujeito agente a alegria celebrativa. Portanto, as ações bem-sucedidas devem ser celebradas. A nosso ver, essa dimensão está implícita ao tema do reconhecimento na filosofia de Ricoeur, ou seja, o reconhecimento mediante a atestação, o reconhecer-se agente, é fonte autoconstitutiva da identidade narrativa, onde o prazer do narrar-se dá o prêmio de uma vida estimada como boa. Assim, é como se o

⁶ Cf. PIERRON, Jean-Philippe. *L'invention morale et la sagesse pratique : une lecture de la petite éthique*. *Revista Études Ricœuriennes*. Volume 10, número 02. 2019, pp. 35-51.

aspecto teleológico do agir próprio do si o destina-se à contemplação ética do ser com e para os outros.

A poética ricoeuriana permite ainda a manifestação de uma singularidade no pensamento do filósofo: a aproximação entre ética e estética. Samuel Lelièvre, em seu artigo intitulado: *La philosophie ricœurienne de l'esthétique entre poétique et éthique*,⁷ infere três níveis de articulação que permitem exemplificar tal perspectiva: uma filosofia da imaginação; a relação entre criticismo e hermenêutica; o enlace ontológico entre fenomenologia, analítica e crítica (Lelièvre, 2016). Para o estudioso o que se destaca num olhar atento é que o próprio modo de estruturação da filosofia de Paul Ricoeur é poético, isto é, entrecruza perspectivas e autores extraindo resolutivas sempre novas, inventivas. Nos detenhamos sobre o aspecto da imaginação.

Ainda nesse sentido, na visão de Pellauer em seu estudo: *À la limite de la sagesse pratique la cécité morale*⁸, Ricoeur opera uma renovação da ética kantiana, que é transposta de um plano racional para um plano temporal. Nesse sentido, a manifestação dialética entre as tendências éticas predominantes e o jogo resolutivo frente à verificação de limites nos sistemas éticas constitui também a maneira poética de diálogo filosófico na ética ricoeuriana.

Para o estudioso, a *imaginação* cumpre uma função mediadora, é ela quem faz a passagem entre a estética e a ética (Lelièvre, 2016). Num primeiro momento é possível indagar sobre a ausência de um estudo específico destinado à análise da estética em si na obra de Paul Ricoeur. Uma possível resposta está no fato de que o tema se apresenta de maneira transversal em todas as etapas de investigação da obra filosófica de nosso autor.

Ainda em referência ao estudo feito por Lelièvre (2016) aparece a posição de Rainer Rochlitz e Christian Bouchindhomme⁹ a qual opõe o desenvolvimento de uma filosofia estética a um aparecimento de uma filosofia poética na obra de Ricoeur. Na visão de Rochlitz (*apud* Lelièvre, 2016) o que caracteriza a dimensão poética é a consideração

⁷ Cf. LELIÈVRE, Samuel. La philosophie ricœurienne de l'esthétique entre poétique et éthique. Em : *Revista Études Ricœuriennes*. Volume 07, número 02. 2016, pp. 43-73.

⁸ Cf. Pellauer, David. À la limite de la sagesse pratique, la cécité morale. In : Barash, Jeffrey Andrew ; Delbraccio, Meireille (org). *La sagesse pratique : Autour de Paul Ricoeur*. Centre national de documentation pédagogique et Centre régional de documentation pédagogique de l'Académie d'Amiens. Amiens, 1998, pp.85-95.

⁹ Cf. Lelièvre (2016) refere-se ao exame das proposições de Rainer Rochlitz e Christian Bouchindhomme presentes em *Temps et récit de Paul Ricoeur en débat* (Paris:Éditions du Cerf, 1990) o qual não tivemos acesso direto.

da predominância de uma perspectiva neo-aristotélica na obra ricoeuriana. Para além desta constatação indaga-se sobre o avanço que Paul Ricoeur desenvolve sobre essa tradição poética neo-aristotélica, justamente, e ao que interessa à perspectiva de nossa tese, é que na visão de Rochlitz: “Ricoeur ne propose pas, en fait, de rompre avec une traditionalité attachée à la poétique mais de la confronter à une perspective d’origine phénoménologique dans laquelle se retrouvent des questionnements sur les problèmes du temps et de l’imagination” (Lelièvre, 2016, p. 46).

A imaginação como função poética seria uma resposta à desproporção entre “entendimento” e “sensibilidade” (Lelièvre, 2016) constituindo-se como resultado dialético, isto é, terceiro elemento resultante da soma dos dois conceitos. A tradição filosófica já evidenciou uma tentativa clássica da unificação destas duas faculdades, trata-se do esquematismo ou síntese transcendental kantiana¹⁰. Immanuel Kant propôs a articulação entre as faculdades do entendimento e da sensibilidade através do seu esquematismo. Enquanto a faculdade do entendimento estaria ligada à produção intelectual que levaria à apreensão do conceito, a sensibilidade e o ato intuitivo que lhe é específico, a sensibilidade, levaria à apreensão empírica dos fenômenos. A transcendentalidade deste esquema é atingida pela representação que une conceito e fenômeno.

A nosso ver, Paul Ricoeur não está considerando, pelo viés do *entendimento*, o *conceito* racional. Mas entraria aqui novamente o elemento teleológico em sentido ricoeuriano, bem como o deontológico. A poética expressa-se assim na busca da melhor regra que faça jus ao plano ético da estima, diante de uma situação conflituosa, tocada pela sensibilidade. Entretanto, é justamente por criticar um *entendimento*, que tende ao *conceito* no julgamento efetuado pelo esquematismo transcendental, que Paul Ricoeur depois encontra no próprio Kant uma reformulação da síntese transcendental. O fato é que Immanuel Kant na *Crítica do Juízo* retomará a função do julgamento a partir da síntese transcendental entre *entendimento* e *sensibilidade*. A novidade é que o entendimento não deverá tender ao *conceito*, como na primeira versão.

Acerca da função renovada da síntese transcendental presente na Terceira Crítica kantiana temos o posicionamento de Garcia (2019), que em seu estudo intitulado *A*

¹⁰ Cf. KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

*presença da imaginação na hermenêutica: um encontro entre Immanuel Kant e Paul Ricoeur*¹¹ defende a aproximação entre Immanuel Kant e Paul Ricoeur através da função poética da imaginação por via de uma hermenêutica da imaginação. Na posição do estudioso, a partir da reformulação operada: “[...] rompe-se com a determinação do conceito e a subjetividade passa a ser plural, polifônica, desconhecendo uma causalidade tal que pudesse estabelecer univocidades” (Garcia, 2019, p. 263). Na análise de Ricoeur, essa função do entendimento conjuntamente com a imaginação sem conceito será chamada de “comunicabilidade”.

Acerca da comunicabilidade própria desta função imaginativa, o que Kant está considerando é a passagem do universal ao particular, ainda que em solo referido à estética. Estendendo essa análise ao plano da ética, parece que a imaginação tem muito a contribuir. O próprio Paul Ricoeur em uma entrevista Jean-Marie Brohm e Magali Uhl¹² em 1996, afirmou:

A grande força da solução kantiana é a de ter apostado tudo na ideia de comunicabilidade. A comunicabilidade é a modalidade do universal sem conceito; trata-se aqui de uma espécie de rastilho, de contágio de um caso a outro. E o que é que é assim comunicado? Não é nem a regra, nem o caso, mas é o jogo entre o entendimento e a imaginação (Ricoeur, 1996, p. 3).

Trata-se assim de considerar a função poética como resultando sempre de um jogo interpretativo, conflitivo ou antagônico que é resolvido sem a absolutização de uma solução, mas sempre apontando para uma resposta singular.

O próprio filósofo compreende que é preciso também atentar às diferenças entre o plano estético, que é o que está em jogo na Crítica do Juízo e o plano ético. De um lado está o Bom ou Justo, de outro o Belo (Ricoeur, 1996). De todo modo o vínculo estabelecido entre Kant e Ricoeur parece ser o da junção entre *juízo* e *hermenêutica* ou ainda, a ideia de um julgamento hermenêutico, efetuado pela sabedoria prática. De outra parte, é preciso ter claro que aquilo que Kant operou no juízo estético não o fez no campo da ética e aqui estaria um distanciamento em referência a Ricoeur.

¹¹ Cf. GARCIA, Jaci Rene Costa. A presença da imaginação na hermenêutica: um encontro entre Immanuel Kant e Paul Ricoeur. *Em: Revista da Faculdade de Direito da UFMG*. Número 75. Belo Horizonte, 2019, pp. 263-280.

¹² Cf. Ricoeur, Paul. Arte, Linguagem e Hermenêutica Estética: entrevista concedida a Jean-Marie Brohm and Magali Uhl em 20 de setembro de 1996. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/arte_linguagem_hermeneutica_estetica. Acesso em 10 de junho de 2023.

Ainda sobre a imaginação é necessário considerar o posicionamento de Jean-Luc Amalric em seu livro: *Paul Ricœur, l'imagination vive. Une genèse de la philosophie ricœurienne de l'imagination*¹³. Na perspectiva de Amalric, é necessário considerar a função imaginativa num solo pré-ético, o da antropologia. A imaginação tem a função “viva” de ser o elo entre as duas dimensões constitutivas do sujeito humano segundo Paul Ricoeur: de um lado a *falibilidade* e de outro a *capacidade*. Nesse sentido, poderíamos considerar que num sentido muito amplo a filosofia ricoeuriana é uma complementação poética, resolutive, acerca dessas duas dimensões que configuram o paradoxo essencial do homem.

Amalric dedica-se ao exame da gênese de uma possível filosofia da imaginação na obra ricoeuriana, que como já mencionado, tem suas raízes já em *Philosophie de la volonté* a partir do projeto de uma “Poética da Vontade” não realizado. Entretanto, ainda que um tomo dedicado à poética não tenha propriamente aparecido, é necessário considerar o uso feito por Ricoeur da noção da *imaginação*. De acordo com Amalric, no primeiro capítulo do tomo *Le volontaire et l'involontaire* a imaginação é considerada como um dos componentes que alimenta e anima a própria vontade voluntária, ainda num sentido husserliano bastante presente no jovem Paul Ricoeur. Já em *L'homme faillible*, a imaginação assumiria uma função mediadora, expressa como “teoria do coração”, sendo o ponto médio entre intelectualismo e sentimentalismo. Ainda mais, no terceiro capítulo, *Négativité et affirmation originaire*, o filósofo francês operou a reapropriação de afirmação de Jean Nabert e de ficção de Jean-Paul Sartre, ambas ligadas a partir da função da *imaginação* (Lelièvre, 2014, pp. 132-133).

Ainda em sua análise genética a partir de *Philosophie de la volonté*, Amalric menciona o sexto capítulo, intitulado *La vie de l'imagination*. A via da imaginação é assumida por Ricoeur como a possibilidade de um caminho poético-prático da vontade e da imaginação. Neste caminho a vontade é lida a partir de três constitutivos práticos: a imaginação, a ação e a afecção. Por fim, a resenha feita por Lelièvre (2014) em relação a análise histórico-reflexiva de Amalric é de que três momentos são articulados pela

¹³ Quanto ao referido livro, não tivemos acesso ao texto completo, sendo-nos possível somente a reflexão a partir de comentadores e da resenha publicada em *Études Ricoeuriennes*. Cf. Lelièvre, Samuel. *Recension : Jean-Luc Amalric, Paul Ricœur, l'imagination vive. Une genèse de la philosophie ricœurienne de l'imagination* (Paris : Éditions Hermann, 2013). Em : Revista *Études Ricoeuriennes*. Volume 5, número 2. 2014, pp. 132-136.

imaginação no jovem Ricoeur: uma fenomenologia husserliana, uma empírica da vontade e uma poética da vontade.

O estudo ainda faz menção a um artigo de Paul Ricoeur escrito em 1976: *L'imagination dans le discours et dans l'action: pour une théorie générale de l'imagination*, onde Ricoeur fala de “imaginação prática”, portanto, de uma função teórico-prática da imaginação que se estende do plano do discurso até o plano da ação (Lelièvre, 2014). É necessário considerar que já nesta época o contato estabelecido com o estruturalismo e as filosofias da linguagem serão resultantes de uma teoria da ação ricoeuriana que, a nosso ver, parece distanciar-se da fenomenologia, mas que depois a reintroduz, como um dos elementos do *modus operandi* do filósofo francês e que ficarão visíveis nos textos do fim dos anos oitenta até o início do novo século.

Para Fins (2017), em seu artigo intitulado: *Repenser l'éthique à travers l'imagination narrative et littéraire dans la pensée de Paul Ricoeur et de Martha Nussbaum*¹⁴, Paul Ricoeur opera, através da noção de imaginação baseada numa perspectiva fenomenológico-hermenêutica, a contribuição crucial que faz à da literatura e do mundo do texto para o campo da ética e da ação. Para a estudiosa, a perspectiva contemporânea que recupera a função da poética: “[...] révèle que l'imagination remplit une fonction *heuristique* qui ne se borne pas à illustrer des théories abstraites, mais donne à l'esprit humain la capacité de s'arracher aux visions naïves et périmées du réel” (Fins, 2017, p. 479). Nesse sentido, está em jogo uma nova posição diante da realidade que realiza a função de uma consciência e de uma vontade que, fenomenologicamente, partem do contato com o real que é direto, sem intermédio de um olhar extremamente objetivo.

A fenomenologia justamente age sobre a reformulação do olhar, a visada, que é livre, numa correlação intencional sem conceito, entrega-se à dada dos eventos em sua manifestação pura. Desse modo, assim como Husserl prefigurou uma função criativa da vontade, a imaginação em seu desdobramento heurístico, liberta a consciência de um julgamento universal, para um julgamento fenomenológico-hermenêutico, isto é, dado no agora entre o sujeito e o mundo.

¹⁴ Cf. Fins, Adelaide Gregorio. Repenser l'éthique à travers l'imagination narrative et littéraire dans la pensée de Paul Ricoeur et de Martha Nussbaum. Em : *Bulletin d'analyse phénoménologique*. Volume 13, número 2 (Actes 10). 2017, pp. 478-493.

Para Fins, é esperado que o enlace literário-ético a partir da imaginação nos conduza a questões extremamente significativas para um ponto de vista contemporâneo da ética:

Pouvons nous soutenir que l'imagination littéraire conduit le sujet à mieux se connaître et à devenir éthiquement meilleur en extériorisant sa subjectivité qui favorise le dialogue et les relations intersubjectives ? Par ailleurs, quelle influence les œuvres littéraires et les récits peuvent-ils avoir sur l'éthique, puisque l'imagination vagabonde selon une logique propre à chacun et est irréductiblement singulière ? (Fins, 2017, p. 479).

Como resposta a esses questionamentos, diga-se que a função heurística da poética imaginativa no campo prático da ética justifica-se como uma posição inovadora. Da mesma maneira, parece que iniciativa contemporânea da ética fenomenológico-hermenêutica de Paul Ricoeur, exemplifica esse diálogo entre polos que podem ser lidos de maneira analógica: o *teleológico* e o *deontológico*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na esteira de um fundamento fenomenológico, a atualidade da ética é celebrada pela unidade destas polaridades na sabedoria prática que, enriquecida pela hermenêutica, é uma resposta às situações singulares, aos desafios éticos.

A dimensão poética da imaginação como função e elemento constitutivo da sabedoria prática evidencia que, uma vez apresentada a teoria da ação específica da identidade narrativa, a inventividade que lhe é específica conduz a narratividade ao movimento respondente do sujeito ético diante dos casos singulares. Em seu estudo, Fins (2017, p. 488) conclui que: “Nous dirons pour conclure que l'imagination joue un rôle important dans la pensée de Paul Ricoeur selon trois moments : téléologique, déontologique et de sagesse pratique”.

O estudo propôs-se assim a investigar quanto a possibilidade encontrar uma função poética no exercício da sabedoria prática em Paul Ricoeur. Uma vez que o pensador francês derivou sua ética do enlace entre teoria da linguagem e teoria da ação a partir do grande tema da identidade narrativa, fica pressuposto que a própria ação decisional a partir da sabedoria prática para não existir sem o apelo e uso da uma função imaginativa. Assim, o encontro com as conclusões advindas de outros estudiosos sobre o

tema leva a inferência de que a dimensão poética da ética ricoeuriana se destaca e deve assim ser também prefigurada como um dos componentes originais da ética no pensamento ricoeuriano.

Por fim, é necessário concluir que a imaginação é um elemento constitutivo e necessário ao agir humano marcado pela complexidade específica da práxis. Se o si constituído fenomenológica-hermenêuticamente pela ipseidade é aquele que vivencia uma identidade narrativa, as ações decorrentes desta posição ontológica são também sempre agidas de modo narrativo. A imaginação reconduz o movimento ontológico entre mesmidade e ipseidade ao dinamismo das ações, que são necessárias para a própria afirmação originária. O fio condutor da ação humana é marcado nesse sentido pelo caráter criativo-imaginário de uma identidade configurada pela ação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BARASH, Jeffrey Andrew; DELBRACCIO, Meireille (org). *La sagesse pratique : Autour de Paul Ricoeur*. Centre national de documentation pédagogique et Centre régional de documentation pédagogique de l'Académie d'Amiens. Amiens, 1998.

CESAR, Constança. M. Práxis e Phronesis em Paul Ricoeur. Em: *Ekstasis, revista de fenomenologia e hermenêutica*. V.2. N.1. Rio de Janeiro, 2013.

CESAR, Constança. M. *Filosofia da Cultura Grega: contribuições para o estudo do pensamento neo-helênico contemporâneo*. Aparecida: Idéias & Letras, 2008.

FINS, Adelaíde Gregorio. Repenser l'éthique à travers l'imagination narrative et littéraire dans la pensée de Paul Ricoeur et de Martha Nussbaum. Em: *Bulletin d'analyse phénoménologique*. Volume 13, número 2 (Actes 10). 2017, p. 478-493.

GARCIA, Jaci Rene Costa. A presença da imaginação na hermenêutica: um encontro entre Immanuel Kant e Paul Ricoeur. Em: *Revista da Faculdade de Direito da UFMG*. Número 75. Belo Horizonte, 2019, p. 263-280.

HUSSERL, Edmund. *Leçons sur l'éthique et la théorie de la valeur* (1908-1914). Trad.: Ducat, Lang e Lobo. França: Presses Universitaires de France, 2009.

JERVOLINO, Domenico. *La poétique retrouvée de Paul Ricoeur*. In. BARASH, Jeffrey Andrew; DELBRACCIO, Meireille (org). *La sagesse pratique : Autour de Paul Ricoeur*. Centre national de documentation pédagogique et Centre régional de documentation pédagogique de l'Académie d'Amiens. Amiens, 1998, p. 31-43.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1980.

LELIÈVRE, Samuel. La philosophie ricœurienne de l'esthétique entre poétique et éthique. Em: *Revista Études Ricœuriennes*. Volume 07, número 02. 2016, p. 43-73.

LELIÈVRE, Samuel. Recension: Jean-Luc Amalric, Paul Ricoeur, l'imagination vive. Une genèse de la philosophie ricœurienne de l'imagination (Paris: Éditions Hermann, 2013). Em: *Revista Études Ricoeuriennes*. Volume 5, número 2. 2014, p. 132-136.

MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. São Paulo: Ontopsicológica Editrice, 2001.

MENEGHETTI, Antonio. *Criatividade e sensibilidade estética*. Coleção Póstuma Antonio Meneghetti sobre Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018.

PELLAUER, David. À la limite de la sagesse pratique, la cécité morale. Em: BARASH, Jeffrey Andrew; DELBRACCIO, Meireille (org). *La sagesse pratique : Autour de Paul Ricoeur*. Centre national de documentation pédagogique et Centre régional de documentation pédagogique de l'Académie d'Amiens. Amiens, 1998, p.85-95.

PIERRON, Jean-Philippe. L'invention morale et la sagesse pratique Une lecture de la petite éthique de Paul Ricoeur. Em: *Revista Études Ricœuriennes / Ricoeur Studies*, Volume 10, número 2. 2019, p. 36-51.

ROHDEN, Luiz; JESUS, Valdinei Vicente. Hermenêutica entre filosofia e literatura: funções éticas da imaginação. Em: *Revista Dissertatio*. Volume suplementar 8. Pelotas: 2018, p. 100-123.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo com um outro*. Trad. Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

RICOEUR, Paul. La Justice, vertu et institution. Em: BARASH, Jeffrey Andrew; DELBRACCIO, Meireille (org). *La sagesse pratique: Autour de Paul Ricoeur*. Centre national de documentation pédagogique et Centre régional de documentation pédagogique de l'Académie d'Amiens. Amiens, 1998.

RICOEUR, Paul. *O Justo 2: justiça e verdade e outros estudos*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

RICOEUR, Paul. *Arte, Linguagem e Hermenêutica Estética*: entrevista concedida a Jean-Marie Brohm and Magali Uhl em 20 de setembro de 1996. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/arte_linguagem_hermeneutica_estetica. Acesso em 10 de junho de 2023.

ROSSATTO, Noeli. Dutra. O respeito ao outro na ética de Paul Ricoeur. Em: *Dissertatio: Revista de Filosofia*. Pelotas. Volume Suplementar 8, 2018, pp.126-139.

Recebido em: 11/11/2023 | Aprovado em: 01/01/2024